

## Toada

PARANA.



Senho . ra do . na da ca . sa, Sá . ia fo . ra, venha vê, O samba no ter . rei . ro, tá que . rendo amanhe . cê!

Senhora dona da casa,  
Sáia fora, venha vê,  
O samba no terreiro,  
Tá querendo amanhecê!

Tem de curioso trazer a frase do "Guarani", quasi inteirinha. Coincidencia? Influencia do "Guarani"? Ou foi Carlos Gomes que botou frase popular tradicional na ópera dele? Tudo é possível porquê esta toada paranaense me comunicada por aluna, obedece como tipo melódico a um verdadeiro *nomos* tradicional, frequentíssimo em variantes infinitas, dotadas sempre da mesma monotonia melancólica, entre os cantadores brasileiros, especialmente de Minas e S. Paulo. E aparece até no Rio Grande do Sul. E possuo mesmo um documento da Amazonia em que esta mesma frase aparece. Não dou êle aqui porquê entra noutro estudo de interesse mais particular.

## Toada do Chico Sôrro

R. GRANDE DO SUL (*Serra*).

Eu en . tre . i num ga . li . nhei . ro Pra co . mer car . ne á far .



tu . ra, Apontou as bar . ras do di . a, E se ve . io a ca . de . la es . cu . ra. A . pon . tou



as bar . ras do di . a, e se ve . io a ca . de . la es . cu . ra.

1

Eu entrei num galinheiro  
Pra comer carne á fartura  
Apontou as barras do dia  
E se veio a cadela escura.

2

Abre-te campos e serras,  
quero correr com cautela,  
quero ver onde vai morrer  
a fama desta cadela.

3

Corri legua e corri quadra,  
pensando que ia solito.  
Quando eu olho pra traz,  
Ai, se vinha a cadela aos gritos.

6

Eu sai a trotezinho  
no rumo do véio Estacio,  
me saltou quatro gaúcho  
de facão e bola e laço.

9

Vinha outro dos gaúcho  
Em um bagual tordilhinho.  
Este mo pegou um laço  
desde a cola até o focinho.

12

Antes de eu morrer  
tive um bonito regalo:  
distancia de quatro leguas  
Eu ouvi cantar o gálo.

4

Me atirei no Quaraím,  
naquele nado sem fim.  
Tornei a olhar para traz  
E a cadela atraz de mim.

7

Vinha um desses gaúcho  
Em um bagual colorado.  
Mas ô bagual que corre  
e que me traz atropelado!

10

Vinha outro dos gaúcho  
que nem parecia gente  
pois levou a mão no revólve,  
levantou terra na frente.

5

No descer um costabaixo  
e no subir um chapadão,  
já me afrouxaram as pernas,  
já me esmoreceu o garrão.

8

Vinha outro dos gaúcho  
Em um bagual picaço.  
Torceu o bagual pra um lado  
e me mandou a argola do laço.

11

Chegou o fim da minha vida,  
e é triste de se ver.  
Nos dentes desta cadela  
conheço que vou morrer.

13

Na cochilha dos ventanas  
morreu um forte guerreiro,  
comandante de policia,  
Chico Sôro de Oliveira.

*Sôro* - zorro, raposa, ladrão de galinheiro.

Tambem no Rio Grande do Sul é costume o canto em comum sempre baseado num falso-bordão de terças e sextas.

## Toada do Lauro Louro

SERRA (R. Grande do Sul).

Ve.lho Pau.li.no tem um fi.lho qua.si ho.me, quan.do tem rai.va não  
co.me, Pega a fa.ca e vai bri.gar; Por is.so mesmo que me chamo Lauro Lou.ro, Meto a fa.ca, ti.ro o  
cou.re fa.ço bo.tas pra cal.çar.

Velho Paulino  
Tem um filho quasi home,  
Quando tem raiva não come,  
Pega a faca e vai brigar;  
Por isso mesmo  
Que me chamo Lauro Louro,  
Meto a faca, tiro o couro,  
E faço botas pra calçar.